



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
CURSO LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA

GLAUCIA DOS SANTOS

MEMÓRIA DA SEMANA CULTURAL NA ALDEIA SANTA IZABEL

DE 2006 A 2016

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, como requisito para obtenção do título de graduação, pela Universidade Federal do Amapá, orientadora professora Ma. Evilania Bento da Cunha.

Aldeia Santa Izabel, Oiapoque-AP
2018

RESUMO

Esse trabalho é resultado da pesquisa para conclusão de curso da Licenciatura Intercultural Indígena e tem como tema: Memória da semana cultural na Aldeia Santa Izabel de 2006 a 2016, o qual objetivou conhecer os impactos que a semana cultural trouxe para Aldeia Santa Izabel. Para tanto, utilizamos como instrumentos metodológicos entrevistas com dois pais de alunos, um egresso da Escola Indígena Manoel Primo dos Santos, dois professores e uma estudante do primeiro ano do Ensino Médio da mesma escola, com a única pergunta que foi quais as mudanças na cultura da Aldeia Santa Izabel após as semanas culturais organizadas pela escola, Além de minhas experiências como participante de todas as semanas culturais. As principais mudanças foram o interesse dos jovens em confeccionar artesanatos, os pais assumiram a responsabilidade de confeccionar os artefatos para a dança do Turé, aumentou o interesse em vender artesanatos de palha e de miçanga e uma valorização dos artefatos simbólicos da cultura. Portanto, percebi que a semana cultural teve um impacto positivo na comunidade de Santa Izabel.

Palavras-chave: Karipuna, Cultura, Mudanças

INTRODUÇÃO

A Semana cultural é um projeto que surgiu com o intuito de valorizar a cultura indígena do povo Karipuna da aldeia Santa Izabel, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque – AP. Essa iniciativa foi incorporada no calendário escolar indígena da escola em 2006 pelo diretor e professor indígena Walter Vasconcelos dos Santos, com apoio dos professores indígena, não indígena, dos funcionários da escola e do pajé João Martins, mais conhecido na comunidade como seu Jãjã.

Atualmente é a Semana Cultural considerada uma programação de grande importância dentro da Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos, que acontece todos os anos no mês de outubro, onde conta com a participação de alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio das comunidades Santa Izabel, Pakapuá, Txipidô e Taminã.

No início do projeto, a Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos teve como finalidade principal o desenvolvimento do Grupo de Dança do Turé Uarukamã, que tem como objetivo principal incentivar as crianças e adolescentes indígenas das comunidades acima citadas a valorizar a dança do Turé, dança tradicional dos povos indígenas do Oiapoque. Essa iniciativa fez reviver outras manifestações de arte indígena, que durante muito tempo estavam adormecidos como: artesanatos, pinturas corporais, grafismos, símbolos, artefatos em formas de animais.

Logo, os pajés e outras pessoas da comunidade detentoras de conhecimentos tradicionais, são grandes colaboradores para que esse processo de manifestação cultural seja repassado de geração para geração e dos antigos para os mais jovens. Também foram incorporados no evento a realização de atividades esportivas como: corrida do jamaxi, corrida de torra, arco e flecha, cabo de guerra, futebol, e outras brincadeiras locais da região.

As atividades são precedidas de oficinas para confecção de artesanatos e artefatos indígenas, tecer os paneiros, balaios, vassouras, abanos, peneiras, tipiti, bancos e mastros, que darão suporte as práticas esportivas.

JUSTIFICATIVA

Após o contato com a sociedade envolvente muitos aspectos da cultura foram sendo modificada, sendo introduzida elementos não indígenas, inclusive a maior parte dos materiais didáticos que chegam a escola para serem estudados pelos alunos não respeita nem reconhece nosso modo de ser específico. Assim, espero que este artigo contribua com os professores indígenas de nossa comunidade e outras comunidades como material didático e como subsídio na elaboração de projetos que venha atender nosso povo.

Antes da pressão da cultura do não índio sobre a nossa, o ritual do Turé era realizado todos os anos, principalmente durante o verão quando reverenciávamos a natureza pela fartura que nos dava. Com a morte de muitos anciões, que tinham o conhecimento profundamente da cultura material e imaterial e a influência da cultura do não indígena, a tradição foi enfraquecendo e a cultura de fora dominando com músicas, festas dançantes e assim mudando o modo de vida da comunidade.

Segundo Estatuto da Associação dos Povos Indígena de Oiapoque APIO (2009) aponta a questão de promover e valorizar a cultura indígena de Oiapoque:

“Apoiar e incentivar a manutenção, recuperação e transmissão de conhecimentos e práticas culturais tradicionais relacionadas à língua, músicas, rituais, mitologia, grafismo e marcas, pinturas corporais, instrumentos musicais, adornos corporais, artesanatos, confecção de artefatos do cotidiano, cerimoniais e jogos, brincadeiras e outros.” (p.69).

Entendo que quando se aborda a respeito de cultura indígena, faz-se necessário compreender sua realidade, estrutura social, econômica, política, cultural, ideológica, religiosa, educacional, saúde, território e meio ambiente, produção e outras atividades, e ainda o próprio movimento indígena que são temas cotidianamente debatidos pelos povos indígenas do município de Oiapoque - AP.

Nesse sentido, especificamente com relação à educação torna-se digno de observar que a educação escolar indígena tem como princípios básicos garantir aos alunos e professores indígenas e não indígenas os aspectos de uma educação diferenciada para este público, como: bilinguismo, interculturalidade, especificidades, diferença e o caráter comunitário que são princípios dessa modalidade de ensino.

Conforme CEE (Conselho Estadual de Educação- Resolução CEE/AP 068/2002, 2003) diz em relação à necessidade de organização da escola indígena:

Art.11 – Na definição do modelo de organização e gestão da Escola indígena deverá ser considerada a efetiva participação da comunidade, bem como:

I – As estruturas sociais;

II – Suas práticas socioculturais e religiosas;

III – Suas formas de produção de conhecimentos, processos próprios e métodos de ensino- aprendizagem;

IV – Suas atividades econômicas;

V – A necessidade de edificação de escola que respeite o interesse das comunidades indígenas e regionais, e que ainda atenda os objetivos educacionais. (p.04).

Compreendo que a escola indígena deve ter seu foco de atenção voltado para as demandas da educação, principalmente no que tange ao aspecto do currículo, planejamento, projetos educacionais, formação continuada de professores indígenas e não indígenas que juntos constitui todo o processo socioeducativo dentro da aldeia, uma vez que a educação torna-se flexível diante das necessidades e sempre que possível deve ser ajustada a sua realidade local.

Partindo desse princípio a Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos garantiu no Calendário Escolar Indígena desde 2006, a realização da Semana Cultural que tem como objetivo principal incentivar crianças e jovens a confeccionar artesanatos e outros objetos usados no cotidiano, revitalização das lendas e mitos, a valorização da Língua indígena, da medicina tradicional e das marcas indígenas do povo Karipuna e ensinar a Dança do Turé (dança tradicional dos povos indígenas de Oiapoque).

Os monitores nas oficinas são os próprios professores indígenas e pessoas da comunidade detentoras dos conhecimentos tradicionais. O pajé, líder espiritual é peça fundamental principalmente nas palestras sobre medicina tradicional indígena e na condução da dança do Turé. Se não houver esse incentivo por parte da escola e da comunidade, grande parte das tradições da comunidade de Santa Izabel será esquecida e a cultura de fora aos poucos vai sendo introduzida. Vale ressaltar que o patrimônio cultural imaterial é também sinônimo do material que por sua vez faz um retrato em relação ao patrimônio imaterial, que é na verdade todo o conhecimento que foi repassado de geração para geração, os saberes, competências e habilidades que é passado de pai para filho, dentro de uma sociedade.

OBJETIVOS:

Geral: Conhecer os impactos que a Semana Cultural trouxe para comunidade de Santa Izabel.

Específicos:

- elencar as programações de 2006 a 2016.
- comparar os elementos introduzidos ou retirados ao longo dos dez anos de semana cultural.
- verificar os impactos positivos da semana cultural na revitalização da comunidade de Santa Izabel.

METODOLOGIA

Para realizar minha pesquisa fiz entrevista com 02(dois) pais de alunos, 02(dois) professores indígenas que participaram de todas as semanas culturais, 01(um) jovem egresso da escola Manoel Primo dos Santos que participou da 1ª Semana Cultural. As entrevistas seguiram a mesma pergunta: “Quais as mudanças na cultura da Aldeia Santa Izabel após as semanas culturais organizadas pela escola?”. Essa pergunta objetivava verificar as mudanças que a semana cultural trouxe para comunidade. Além de minhas experiências como participante de todas as semanas culturais.

Como subsidio de apoio utilizei livros sobre os povos indígenas de Oiapoque, de autoria de Lux Vidal, Ministério da Cultura, Legislação do Conselho Estadual de Educação do Amapá e documentos da escola como mapas e fotografias.

BREVE HISTÓRICO DA ALDEIA SANTA IZABEL

Segundo os pesquisadores e os informantes indígenas, o povo Karipuna se formou de remanescentes de várias populações. O povo Karipuna é citado em relatos de viajantes já no século XVII, como moradores do Oiapoque. (MOCQUET 1617 apud TASSINARI, 2003) Não é mencionado no século XVIII, mais volta a aparecer em documentos do século XIX, como um grupo reduzido de famílias habitantes do Baixo Oiapoque e falantes de um idioma do tronco Tupi. Estas famílias, remanescentes de povos indígenas da região, e outros

migrantes da região do salgado paraense, contribuíram para a formação do povo Karipuna no rio Curipi.

De acordo com as informações de Nimuendaju citado por TASSINARI (2003), Karipuna refere-se a “um número bastante grande” de falantes da língua Tupi, fugitivos das missões do Cunani e Macari que migraram para Oiapoque no final do século XVIII, juntamente com índios Aruã, após ter havido o despovoamento da região pelos portugueses.

Os Karipuna possuem vários pajés em intensas atividades, onde realizam curas e dirigem o ritual do Turé, festa tradicional dos Povos indígenas de Oiapoque.

A Aldeia Santa Izabel está localizada à margem direita do Rio Curipi, como mostra o mapa mental feito pelos estudantes do 5º ano da Escola Manoel Primo dos Santos, na Terra Indígena Uaçá, no município de Oiapoque, extremo norte do Estado Amapá e foi fundada por volta de 1940, pelo Sr. Manoel Primo dos Santos, mais conhecido pelo apelido de Côco e sua esposa Delfina Batista. A maioria da população é pertencente ao povo Karipuna e segundo censo do Posto de Saúde da Aldeia Santa Izabel-2016 a população é de aproximadamente 390 habitantes.



Figura 1: mapa mental da Aldeia Santa Izabel

Fonte: SANTOS, Glaucia. 2018

A região onde está localizada a Aldeia Santa Isabel ainda é bastante preservada, devido moradores cultivarem apenas pequenas áreas desmatadas destinadas aos moradores no plantio de roças de mandioca, plantio de bananas e pequenas pastagens para criação de gado. É uma região rica em sua fauna e flora, com diversas espécies de animais: peixes, aves e répteis que são à base da alimentação dos indígenas que ali habitam.

Entre os primeiros moradores da comunidade existia um laço de reciprocidade, quando alguém matava uma caça dividia com os demais moradores. Hoje essa partilha não existe mais, devido o modelo capitalista introduzido na comunidade. Os trabalhos de construção de canoas, casas e extração de madeira bem pouco é feito em mutirão. Nos mutirões de plantio de mandioca quase não é mais servido o caxixi (bebida fermentada feita de mandioca).

É importante lembrar que o Povo Karipuna se organiza em assembleias dos povos indígenas do Oiapoque, onde são tomadas decisões importantes com relação ao território e meio ambiente, educação, Saúde, cultura, movimento indígena entre outros problemas que afetam esses povos.

RESULTADOS E DISCUSSOES

Segundo Romualdo Hipólito, professor de Cultura Indígena, a Semana Cultural, realizada na Aldeia Santa Izabel é muito importante porque o nosso povo através dessa nova geração está esquecendo a nossa cultura. Por isso que o diretor da Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos implantou a Semana Cultural e as atividades são trabalhadas como aulas pelos professores, onde os mesmos ensinam os alunos a fazerem vários tipos de cestaria, remo, artesanato, arco e flecha, contos e lendas, os remédios tradicionais que nossos antepassados usavam. E a praticarem a dança do Turé, dança tradicional dos povos indígena da Terra Indígena Uaçá.

Para Alberto Nilo Silva, pai de aluno, a Semana Cultural é de suma importância para nós Karipuna da aldeia Santa Izabel, porque faz a gente lembrar muitas coisas que estavam sendo esquecidas por nós. A Semana Cultural não só trouxe conhecimento para as crianças, como também para os adultos.

O quadro abaixo mostra a programação da Semana Cultural de 2006 a 2016 e logo em seguida aponto as mudanças na programação feita ao longo desses dez anos de Semana Cultural.

Quadro 1: A programação da semana cultural de 2006 a 2016

1º dia manhã	Abertura: palestra sobre importância da Semana cultural pelas lideranças antigas da comunidade.
tarde	Contos e lendas
2º dia manhã	Tecelagem, cestarias e confecção de artesanatos
tarde	Continuação.
3º dia manhã	Palestra sobre medicina tradicional.
tarde	Pintura corporal.
4º dia manhã	Confecção de bancos e mastros do turé.
tarde	Continuação da confecção dos bancos e mastros.
5º dia manhã	Finalização da confecção dos bancos e mastros.

6º dia manhã	Preparação do caxixi,
Tarde	Ensaio da dança do Turé
7º dia manhã	Confecção do laku e das flautas.
Tarde	Apresentação da dança do Turé.

Fonte: Arquivo da Escola Manoel Primo dos Santos

Na Semana Cultural 2006 e 2007 as atividades desenvolvidas foram praticamente as mesmas. Entretanto, foi incluído a extração de tinta para pintura de cuias, pois, os jovens não sabiam como preparava a tinta. No desenvolver dos trabalhos em que era confeccionada as cuias identificou a necessidade da elaboração de todo o processo desde a extração da matéria prima até a confecção das cuias. Uma vez que, as cuias são objetos utilizados no cotidiano da comunidade, como: rituais, mutirões¹. Cada cuia tem uma marca específica, após o desenho da marca é que passa para a etapa de pintura. A tinta é preparada com *kumate*².

Em 2008, foi incluído a confecção de artefatos/utensílios usados no cotidiano da comunidade como por exemplo: remo, arco e flecha. Uma vez que, esses instrumentos serviam para a coleta, a caça e a pesca, mas com a introdução da espingarda e do motor de polpa esses artefatos foram deixados de lado. Portanto, não faz mais parte do cotidiano dos jovens. Consideramos importante que os jovens saibam confeccionar e utilizar esse instrumento, mesmo que eles usem a espingarda e o motor de polpa no dia-a-dia. Atualmente esses artefatos são produzidos como artesanato com o objetivo de vender.

Em 2009 a organização da Semana Cultural utilizou praticamente a mesma programação, porém, foi incluído as marcas e grafismo do povo Karipuna. Identificamos durante a disciplina de cultura indígena que os jovens não sabiam desenhar as marcas. Assim, foi acrescentado na semana cultural a pratica na arte do grafismo indígena, seus traços e significados.

¹ Mutirão é uma atividade coletiva praticada pelas comunidades, podendo ser na derrubada da roça, no plantio, na colheita e atualmente os mutirões são adaptados a nova realidade por exemplo o mutirão de limpeza da comunidade.

² Palavra em kheoul para designar uma arvore de onde é extraído uma tinta vermelha que serve para pintar a cuia.

Em 2010, 2011, 2012, 2013 foram utilizadas a mesma programação com objetivo de garantir que as crianças e jovens desenvolvessem mais suas habilidades com apoio dos professores e pessoas da comunidade detentoras dos conhecimentos materiais e imateriais.

Na semana cultural de 2014 e 2015 os professores e os alunos do 6º ao 9º ano acharam importante não só a palestra sobre a medicina tradicional indígena, mas, também fazer uma exposição das plantas, óleos, cascas, raízes etc. Além da exposição dos trabalhos de pesquisa dos alunos da disciplina Cultura Indígena sobre os remédios caseiros conhecidos na comunidade.

Vimos que ao longo desses dez anos de Semana Cultural na escola Manoel Primo dos Santos a cultura Karipuna foi sendo repassada aos mais jovens e hoje podemos afirmar que eles conhecem a nossa cultura e não vai ficar esquecida, mesmo que no dia-a-dia utilizemos técnicas que veio do povo não indígena.

As figuras que seguem mostram atividades realizadas na Semana Cultural de 2016. Verificaremos na sequencia a preparação do espaço até a realização do evento.

No primeiro momento é construído o carbet que será o local de exposição dos artesanatos que serão confeccionados pelos alunos com auxilio dos mestres sábios tradicionais da comunidade. Esse carbet também abriga os materiais necessários para a montagem do *laku*³.



Figura 3: Montagem do carbet para exposição dos artefatos materiais confeccionado durante a semana cultural

Fonte: Acervo da Escola Manoel Primo dos Santos

³ Palavra em kheoul para designar o espaço onde acontece o ritual do Turé.

A realização da Semana Cultural começa com a palestra dos sábios e lideranças da comunidade detentores dos conhecimentos tradicionais para sensibilizar as crianças e jovens do valor da manutenção da cultura. Como podemos ver na figura 5. Esse momento dentro da programação continua o mesmo desde a primeira semana cultural até hoje, pois entende-se que escutar os mais velhos é o principal meio de assegurar a cultura.

Dentro da programação nos primeiros dias há a confecção dos artesanatos feito pelas mulheres (figura 6) e os cestos feitos pelos homens (figura 7), devido o tempo para confecção essa atividade ocupa os primeiros espaços dentro da programação para que haja tempo dos alunos exporem no carbet o que eles conseguiram aprender e produzir.



Figura 5: Abertura da Semana cultural de 2016
Fonte: Acervo da escola Manoel Primo dos Santos



Figura 6: Produção dos artesanatos
Fonte: Acervo da escola Manoel Primo dos Santos



Figura 7: Produção da cestaria
Fonte: Acervo da escola Manoel Primo dos Santos

As atividades esportivas tradicionais como arco e flecha, corrida de tora, corrida de *jamaxi*, cabo de guerra e futebol foram introduzidas na programação da semana cultural no segundo ano, para retomar atividades que estavam se perdendo. Hoje voltou a praticar o arco e flecha nos intervalos dos mutirões.



Figura 9: Atividade esportiva durante a Semana Cultural
Fonte: Acervo da escola Manoel Primo dos Santos

No último dia da semana cultural ocorre a exposição dos artesanatos, onde os pais podem ver o resultado do trabalho de seus filhos. E toda a comunidade participa da festa do Turé dançado pelos alunos e professores da escola.



Figura 10: Exposição dos artefatos produzidos durante a Semana cultural
Fonte: Acervo da escola Manoel Primo dos Santos

A Semana Cultural na Aldeia Santa Izabel, trouxe grandes mudanças no modo de vida da comunidade, pois fez reviver grande parte das tradições que estavam adormecidas e algumas já estavam sendo esquecidas pelos jovens, em decorrência da cultura da sociedade envolvente e dos mais velhos não repassarem esses conhecimentos para os mais jovens.

Dessa forma, decidimos entrevistar pais de alunos da escola sobre as mudanças que eles sentiram após a semana cultural. Entrevistamos também jovens que eram estudantes nos primeiros anos da semana cultural e ainda professores. O quadro a seguir apresenta a visão dos entrevistados sobre a semana cultural.

Quadro 2: Resultado das Entrevistas sobre as mudanças na comunidade Santa Izabel após a realização das Semanas Culturais.

	Quais as mudanças na cultura da aldeia Santa Izabel após as semanas culturais organizadas pela escola?
Mãe de aluno	Houve várias mudanças na cultura na Aldeia Santa Izabel, as crianças e jovens passaram a gostar e a valorizar mais a dança do Turé, usar colares e pulseiras não só no momento da dança tradicional, mais sim, no dia-a-dia, o que antes já não se via demonstrarem interesse a fazer, até mesmo para vender. E assim o interesse em aprender cestaria, escultura, não somente entre os jovens, mas também os adultos estão aprendendo para ensinar aos mais jovens e crianças. Antes de haver a Semana Cultural em Santa Izabel não se via mais, por exemplo, a colher de pau, a peneira fina, os artesanatos em geral e hoje já se ver.
Professor	A Semana Cultural, realizada na aldeia Santa Izabel é muito importante porque o nosso povo através dessa nova geração está esquecendo a nossa cultura. Por isso que o diretor da Escola Indígena Estadual Manoel Primo dos Santos implantou a Semana Cultural e as atividades são trabalhadas como aulas pelos professores, onde os mesmos ensinam os alunos a fazerem vários tipos de cestaria, remo, artesanato, arco e flecha, contos e lendas, os remédios tradicionais que nossos antepassados usavam. E a praticarem a dança do Turé, dança tradicional dos povos indígena da Terra Indígena Uaçá.
Pai de aluno	As Semanas Culturais os jovens e até os adultos começaram a valorizar mais cultura, pois através das confecções de cestarias, artesanatos, remo, balaio, paneiro, peneira, arco, colher de pau, escultura em madeira passou a gerar renda para as famílias. As mães começaram a se preocupar com o vestuário dos seus filhos, que no final da Semana Cultural Há uma grande festa que é a dança do Turé. Também os jovens começaram a confeccionar sua própria flauta e seus artesanatos para serem usados na dança.

Ex aluno	As mudanças na cultura da aldeia santa Izabel que ocorreram após as semanas culturais organizadas pela escola, uma delas fói a valorização da cultura pelos jovens e crianças, a dedicação deles para conhecer e aprender a confeccionar artesanatos de miçangas, sementes, arco e flecha, cestos, jamixi, etc. conhecer os remédios naturais, os grafismos, esculpir animais em madeira. A dedicação deles para realizar a semana cultural providenciando todos os materiais, e realizar a dança do Turé, que atualmente só é realizado no final da semana cultural. Muitos jovens aprenderam a confeccionar matérias culturais nesse período. Essa mudança ocorreu após a semana cultural realizada pela escola.
Aluno	A forma de ver nossa própria cultura dentro da comunidade no interesse em aprender a fazer determinados objetos da nossa cultura que a juventude e as crianças não faziam nos dias atuais. Já após a realização das semanas culturais dentro da escola os jovens começaram a se interessas pelas atividades desenvolvidas durante esses anos. Hoje em algumas famílias pode se observar que algumas crianças e jovens através da semana cultural aprenderam a produzir objetos ensinado no evento também começaram a se interessar ainda mais em casa e na escola pela língua indígena, pois na semana cultural os mitos e as lendas são contados em nossa língua.

Fonte: Entrevistas realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2018 na Aldeia Santa Izabel

As principais mudanças que observamos na fala dos entrevistados foram na forma de ver a nossa própria cultura dentro da comunidade e no interesse em aprender a fazer determinados objetos da nossa cultura, que a juventude e as crianças não faziam mais. Já após as realizações das semanas culturais dentro da escola, os jovens começaram a se interessar pelas atividades desenvolvidas durante esses anos.

Hoje em algumas famílias pode-se observar que, algumas crianças e jovens através da semana cultural apreenderam a produzir objetos ensinados no evento. Também começaram a se interessar ainda mais em casa e na escola pela língua indígena, pois na semana cultural os mitos e as lendas são contadas na nossa língua.

A aprendizagem da semana cultural fez com que as famílias conseguissem uma renda extra. Uma vez que a pratica de fazer cestaria havia se perdido deixando uma lacuna entre os mais velhos e os jovens. A geração dos pais de alunos da escola perdeu de aprender a cestaria.

Dessa forma, vemos nas respostas do pai e da mãe, os únicos que falam que a semana cultural proporcionou a confecção de artesanato até para venda.

Outro fator importante foi à aceitação de muitas famílias evangélicas a participar da dança do Turé. Antes dessa iniciativa de fortalecimento cultural os pais que são evangélicos não aceitavam seus filhos a participarem do ritual. Então a semana cultural está contribuindo sem dúvida pelo fortalecimento das nossas tradições que são de grande valor para nós indígenas da comunidade de Santa Izabel e adjacências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o cacique Timoteo Verá Popyguá cultura é um conjunto de ações que está no nosso cotidiano e que nos diferencia uns dos outros.

Cultura é aquilo que a gente cultua a nossa religião os nossos rituais, as cerimoniais religiosas as danças, a nossa forma de entender a natureza, a nossa língua, a forma de agradecer a Deus, a nossa educação tradicional, que significa a transmissão das sabedorias milenares, passadas de uma geração para outra geração, a valorização dos Mais velhos, dos anciões e o respeito com a sabedoria que vem deles. Premio Culturas Indígenas - São Paulo: SESC, 2007. Pag.(13). (Timóteo Verá Popyguá).

São inúmeros os problemas enfrentados pela comunidade de Santa Izabel, primeiro com a implantação de uma educação escolar não indígena que destruiu parte da cultura da comunidade impedindo os alunos a falar a língua indígena e incentivando-os a valorizar as comemorações cívicas, por exemplo, o sete (7) de setembro. Em seguida a chegada das religiões e o contato direto com a sociedade em volta fez com que a comunidade deixasse parte das tradições adormecidas.

Preocupados com a desvalorização da cultura na comunidade os professores resolveram desenvolver o projeto de fortalecimento cultural denominado Semana Cultural com o objetivo de incentivar crianças e jovens a valorização da cultura como meio de garantir a manutenção da mesma e da identidade indígena.

É importante ressaltar que a preservação e valorização da cultura é um meio de afirmação da identidade indígena e para garantir que as crianças e jovens adquiram esses conhecimentos o apoio dos anciãos e anciães é de grande importância nesse processo de troca de conhecimento.

O empenho dos professores indígenas nesses dez anos foi essencial para que muitos jovens através das oficinas conseguiram aprender, respeitar e valorizar esses conhecimentos materiais e imateriais que através dessas iniciativas passarão de geração para geração.

As pesquisas que eu fiz no decorrer do meu trabalho fez com que eu refletisse ainda mais sobre a importância da valorização da cultura na Aldeia Santa Izabel, nas entrevistas pode-se observar que muitas pessoas da comunidade reconhece que essa iniciativa de fortalecimento cultural fez reviver parte da cultura que não estava sendo mais praticado e que

esse trabalho foi fundamental para que pessoas da comunidade decidisse voltar a praticar, eu mesma aprendi muitas coisas com os mais velhos e colegas professores.

No decorrer da pesquisa descobri que os jovens precisam de mais incentivo e apoio por parte dos mais velhos e lideranças da comunidade, cito como exemplo a dança do Turé que é realizado no período da semana Cultural envolve somente os alunos numa pequena apresentação de três horas. No início imaginei que não conseguiria fazer o quadro das atividades desenvolvidas na Semana cultural em todos os anos. Porém consegui com o apoio do diretor Walter Vasconcelos dos Santos.

Essa pesquisa sobre a Semana Cultural despertou a possibilidade de outras pesquisas como o trabalho das parteiras tradicionais, uma vez que na semana cultural falamos do uso de ervas tradicionais e de como e quando essas ervas podem ser usados, percebemos que as parteiras fazem muito uso desses saberes.

Um outro assunto que carece de pesquisa são os mitos, que durante a semana Cultural também é bastante valorizado, os contos dos mitos estão associados a língua, pois os contadores o fazem somente na língua Kheoul o que estimula os alunos a aprenderem a língua para entenderem os mitos.

A Semana Cultural despertou o interesse das famílias da comunidade para a prática de mutirões de roça, que já estava sendo perdido pela comunidade. Esse mutirão tem diversos aspectos a serem estudados, embora pesquisadores externos já o tenham feito, sentimos a necessidade de um indígena pesquisar o mutirão com um olhar de dentro.

REFERÊNCIAS

BRASIL/MINISTÉRIO DA CULTURA. Prêmio cultural indígena. São Paulo. SESC. 2007

VIDAL, Lux Boelitz. Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. 3 ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé. 2009.

SANTOS, Walter Vasconcelos. História Karipuna: Protagonismo Ontem e Hoje, Oiapoque, AP, 2011.

Fontes orais:

Entrevista concedida por Romualdo Hipolito, em 09/11/2017.

Entrevista concedida por Alberto Nilo Silva, em 09/11/2017.

Entrevista concedida por Iracema dos Santos, em 26/05/2018.

Entrevista concedida por Roberto Nino dos Santos Batista, em 26/05/2018.

Entrevista concedida por Luene Anicá dos Santos, em 31/05/2018.

Entrevista concedida por Danielson dos Santos Silva, em 06/06/2018.